



Uma tarefa inacabada: notas sobre uma igreja humana

An Unfinished Task: Notes on a Human Church

Jonathan Michelson de Menezes³⁶¹
Faculdade Teológica Sul Americana

Resumo: O artigo a seguir parte de três assunções básicas: (1) de que a igreja é uma congregação de seres humanos; (2) de que tornar-se mais e mais humana, espelhando-se em Jesus, é a mais proeminente tarefa da igreja; e, por fim, (3) de que como o próprio ser-se-fazendo da humanidade, esta é uma tarefa sempre inacabada. Que Deus há de completar até o dia de Cristo Jesus? Sim, como disse Paulo. Mas que, até lá, permanece inacabada. Isso significa que sempre haverá um trabalho a ser feito neste sentido. Para aprofundar o sentido desse desafio, apresenta-se uma reflexão sobre a igreja a partir do que *vem antes* (em comparação com o que *vem depois*) no plano de suas relações e do seu fazer-se; em seguida, sobre o que *continua sendo bom* na humanidade e que não deveria ser desprezado em nossa visão sobre sua pecaminosidade; por fim, sobre a condição transitória dos acontecimentos, razão pela qual, paradoxalmente, ainda podemos seguir tendo esperança no mundo.

Palavras-chave: Igreja. Humanidade. Jesus. Contemporaneidade. Kenosis.

Abstract: The article begins by stating three assumptions about the church: (1) that it is made up of human beings, (2) that its main task is to become more like Jesus, and (3) that this task is never finished. The author suggests that there is always work to be done in this regard. To further explore this idea, the article examines the church's relationships and its continual growth making a comparison between what comes *before* and *after* in terms of importance. It also emphasizes the importance of recognizing the good aspects of humanity while acknowledging its sinfulness. Additionally, the article discusses the transient nature of events and explains why hope for the world can still be maintained despite its transitory aspects. Overall, the article encourages a deeper understanding of the church's purpose and highlights the ongoing work that needs to be done to fulfill its mission.

Keywords: Church. Humanity. Jesus. Contemporaneity. Kenosis.

³⁶¹ Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista, UNESP-Assis, SP. Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina, graduação em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana e mestrado em História Social pela Universidade Estadual de Londrina. Docente do PPG de Teologia da FTSA.

Introdução

Gostaria de começar com uma definição básica: *uma igreja*, para não dizer a igreja, é a *congregação de seguidores e seguidoras de Jesus*, reunida e/ou dispersa, assim, em torno de seu nome, a fim de levar adiante a sua causa, isto é, a causa do Reino de Deus, por meio dela mesma, cada uma e cada um de seus membros, imersos em seu contexto de vida, encarnando e vivendo a loucura do Evangelho pelo poder do Santo Espírito. Trata-se, é claro, de uma simplificação. E qual definição não sofre do mesmo mal? Mas é um começo, pelo menos. Um ponto de partida para falar da “igreja contemporânea”, tema central desse estudo. Não apenas “de partida”, mas de chegada também: o *Alfa* e o *Ômega* de qualquer estudo sobre a igreja deve ser Jesus.

A contemporaneidade de qualquer igreja digna desse nome há de ser, antes de tudo, uma contemporaneidade messiânica, isto é, uma coincidência com a agenda do Messias (o Cristo), e uma “coincidência inconformada” (Menezes; Schietti & Nakamura, 2023) com as agendas do mundo contemporâneo. No caso deste estudo não será diferente, já que estou conectando minha definição inicial ou de trabalho à pessoa de Jesus. Sim, porque é indubitável que a igreja começou com Jesus, certo? Não é óbvio, porém, que a igreja, que começou com ele, se pareça com ele ou tenha a *sua cara*. E nós precisamos (urgente e desesperadamente) que ela volte a ter essa marca que um dia já foi dela, isto é, volte a se parecer mais com Jesus de Nazaré. Antes, voltemos ao começo: *Igreja, sim, mas para quê?*

Se tomarmos a definição de trabalho acima, é possível dizer de uma vez: *igreja para seguir congregando (ekklesia)* gente em torno do nome de Jesus, a fim de fomentar e propiciar o tipo de vida humana que ele um dia propiciou na relação com seus discípulos e com o mundo. Essa simples resposta já nos conecta ao mote, também simples e direto, deste artigo: a igreja de Jesus é uma congregação de seres humanos; e esta é sempre uma tarefa inacabada, como é o próprio *ser-se-fazendo* da humanidade. Logo, sua razão de ser coincide com o processo de humanização do Corpo tendo o próprio Jesus como seu referencial. O que isso significa na prática? É o que desejo explorar adiante.

1. Sobre o que vem antes

Se a igreja começou, em Jesus de Nazaré, com o chamado dos doze discípulos, além do ajuntamento de mulheres e outras pessoas que o seguiam, há de se presumir, basicamente, que o que vem antes (ou o que é prioridade) na igreja são as próprias pessoas. Desculpem-me os entendidos, mas depois de séculos valorizando instituições, prédios, propriedades, templos, dogmas e outras quinquilharias materiais, faz-se necessário redigir e enfatizar o óbvio: a igreja é uma congregação de seres humanos, cujo Senhor se fez humano e priorizou, acima de tudo, o humano, fazendo com que, como corolário, onde quer que uma igreja sua se faça como tal, faça-se por amor e em deferência à humanidade.

Por isso, a igreja contemporânea (do Messias) é uma igreja *kenótica*. Que isso significa? Primeiro, atestemos com Paulo o caminho trilhado por Jesus, que é o caminho da *kenosis*, expressão grega que significa esvaziamento:

Tenham entre vocês o *mesmo modo de pensar* de Cristo Jesus, que, mesmo existindo na forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo que deveria ser retido a qualquer custo. Pelo contrário, *ele se esvaziou*, assumindo a forma de servo, tornando-se *semelhante aos seres humanos*. E, reconhecido em figura humana, *ele se humilhou*, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. (Fp 2.5-8)

Em algumas traduções, a expressão ter o mesmo modo de “pensar” (*froneō*) é traduzida como ter o “mesmo sentimento” ou a “mesma atitude” que houve em *Cristo Jesus*. Nesse caso, o Cristo (da expressão) vem antes de Jesus para apontar ao menos duas coisas: 1. Atestar o óbvio de que Cristo, de fato, não é meramente o sobrenome de Jesus, mas é quem Jesus veio revelar, como apontou Richard Rohr (2019, p. 28): “Cristo é Deus, e Jesus é a manifestação histórica de Cristo no tempo. Jesus é um Terceiro alguém, não apenas Deus e não apenas homem, mas Deus e homem juntos”. 2. Afirmar que Cristo se revelou em Jesus com uma *certa atitude* (sentimento ou forma de pensar), a saber: a atitude de assumir a natureza humana sem reter nada de sua natureza divina. Sim, ele era “Deus e homem juntos”, mas considerou que, para ser mesmo “semelhante aos seres humanos”, ele precisaria renunciar à sua igualdade com o divino.

Aproprio-me da noção paulina da *kenosis* de Cristo, reconhecendo que originalmente ela se referia a uma dada atitude que ele desejava recomendar aos Filipenses, a saber: a de andar de acordo com Jesus, considerando a si mesmos como menores e não maiores em relação a seus frateros, agindo com humildade e não por egoísmo. A igreja precisa se conformar com Cristo nisso. Para tanto, porém, precisa antes se conformar com Ele na escolha por ele feita de se tornar humano e *permanecer humano* enquanto se posiciona como servo dos outros. Ou seja, quando Paulo diz que Cristo “se humilhou” (*humiliare*), não quis dizer que Ele se colocou *abaixo* do chão em que os demais pisam, mas *rente ao chão*, no mesmo chão, como a planta rasteira (*humilis*), que se faz uma com o chão, com o pó da terra (*humus*) de cujo material o Criador fez a humanidade.

Você já deve ter percebido onde essa reflexão nos leva, certo? A humanidade vem do pó, como aprendemos no poema da criação. E ao pó está fadada a retornar, como se anunciou após seu salto adâmico (Gn 3.19). Se em função das dolorosas consequências desse *salto* – que a maioria de nós prefere chamar de *queda* – continuarmos a tratar essa condição como nossa desgraça fatal, e não como nosso destino inerrante, seguiremos concordando apenas *de jure* (de lei ou em tese) com o apóstolo, mas na prática vivenciando o que chamo de “espiritualidade da serpente” (fazendo alusão à serpente de Gênesis), isto é: aquele tipo de espiritualidade que nasce do estranhamento em relação à nossa condição e que, de quebra, ambiciona se equiparar com o divino, tirando o pé do pó e se elevando aos céus. Em outras palavras, se a gente continuar concordando com o lindo discurso de Paulo em Filipenses e, ao mesmo tempo, seguir acreditando que o retorno ao pó é tão somente sinal de nossa decadência, então jamais conseguiremos colocar em prática o que Paulo está nos instando a colocar em prática e a *kenosis* será apenas mais uma bela palavra a ser tatuada ou mesmo emoldurada na parede, sem nenhum efeito prático sobre o modo como vivemos.

É isso que quero dizer quando digo que a igreja contemporânea há de ser *kenótica* ou então não será a igreja de Jesus. Ou seja, ela precisa aprender a se esvaziar de tudo o que a desumaniza e a se cobrir com o pó da humanidade, como Cristo fez em Jesus, ensinando a gente a *ser igreja* e a igreja a *ser gente*. Esvaziar-se do que a desumaniza significa colocar a vida no centro de suas prioridades e tornando tudo o mais supérfluo. Isto significa colocar o que veio antes, antes – isto é, a vida, o humano –, e o que veio depois, depois – isto é, os prédios e as finanças da igreja; suas formas de governo, os pastores e os bispos; os presbiterianos, os batistas e os pentecostais; os dogmas, a teologia, os programas da igreja, e assim por diante. Tudo isso *veio depois*, mas acabou ocupando tanto o proscênio na história até hoje que faz parecer ter vindo antes.

Como os fariseus faziam parecer com os mandamentos e a lei no tempo de Jesus. Já naquela época Jesus fez questão de deixar suficientemente claro o que vinha antes a fim de denunciar a completa inversão de prioridades da religião então praticada:

Aconteceu que, *num sábado*, Jesus atravessava as searas, e os seus discípulos, ao passar, começaram a colher espigas. Então os fariseus disseram a Jesus: — Olhe! Por que eles estão *fazendo o que não é lícito* aos sábados? Ele lhes respondeu: — Vocês nunca leram o que Davi fez quando se viu em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros? Como entrou na Casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu os pães da proposição, os quais só aos sacerdotes era lícito comer, e ainda deu esses pães aos seus companheiros? E Jesus acrescentou: — *O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado*. Assim, o *Filho do Homem é senhor também do sábado*. (Mc 2.22-28)

Um exemplo altamente disruptivo de várias formas. Primeiro, ao demonstrar que Jesus tinha critérios distintos para definir o que é e o que não é lícito, critérios que pareciam prescindir da vontade divina expressa na lei, mas o que faziam efetivamente era ajudá-lo a cumpri-la (vide as palavras de Jesus no sermão do monte: “Visto que foi dito aos antigos... eu, porém, vos digo”, sob o asseguração de que, ao fazer isto, estava cumprindo a lei e não a abolindo). Segundo, por trazer à memória uma transgressão do rei Davi (figura simbólica na tradição judaica) para justificar a sua presente transgressão da lei e da norma em favor da vida. Terceiro, ao lembrar que a lei (do sábado, por exemplo) foi estabelecida como uma forma de dignificar a vida humana e que, portanto, não poderia em hipótese alguma se colocar acima ou além de uma necessidade eminentemente humana. Por fim, ao ter a audácia de concluir que o “Filho do Homem” – o jeito que Jesus escolheu para se referir a si mesmo, que basicamente significa “o humano” – é “senhor *também* do sábado”. Isto é, não apenas do sábado, mas de tudo aquilo que vem depois e é, portanto, acessório à vida, ao corpo, ao humano.

Duas contribuições, nos ajudam pensar melhor nessa lógica do que *vem antes* e do que *vem depois* na igreja do Reino de Deus. A primeira vem de Frederick Buechner:

Os prédios e orçamentos vieram depois. As formas de governo da igreja, os padres e os pastores, batistas e protestantes. Os cultos de

domingo com todo mundo bem-vestido, os coros e as escolas dominicais, tudo isso veio depois. Como também os bazares e os grupos de estudo bíblico. Da mesma forma os pregadores, aqueles na TV que causam enjoio estomacal com sua falsidade e vulgaridade; aqueles mais próximos de casa, que tão frequentemente, quando os escuto, parecem proclamar uma fé que raramente parece ter alguma coisa em comum com a minha ou as suas próprias vidas cotidianas reais; e ainda aqueles através das palavras de quem a Palavra em si mesma nos toca o coração. Eles todos vieram depois. Talvez a melhor coisa que poderia ocorrer à igreja seria que uma grande maré da história viesse e consigo levasse tudo isso embora – os prédios da igreja caindo, todo o seu dinheiro se perdendo, os boletins da igreja todos flutuando ao ar como folhas mortas, as diferenças entre pregadores e congregações todas se esvaindo também. Então tudo o que nos restaria seria a nós mesmos e Cristo, que é tudo o que havia em primeiro lugar. (Buechner, 1992, p. 158 – minha tradução)

Essa última imagem de Buechner – de tudo o que veio depois, mas que acabou se tornando prioritário – simplesmente desaparecendo do mapa, deve ter escandalizado muita gente por sua pujança e honestidade; principalmente gente bastante apegada às instituições da igreja. Entretanto, quem já se sentiu da mesma forma por alguma razão, se identificará. Agora a segunda contribuição, de Adolph Pohl, comentando o texto de Marcos:

Há outras instituições que podem ficar grandes demais para o ser humano. Pode chegar o dia em que o hospital não exista mais para o doente, alguma repartição não exista mais para o público, a economia não exista mais para a vida, o Estado não exista mais para o povo e a justiça não exista mais para os sofredores ou a liturgia não exista mais para a igreja, mas tudo está totalmente errado. *O que fazer?* Apostar totalmente no humano, ajudá-lo a tomar o poder contra as instituições e proclamar a irmandade pura? Isto só levou a condições que clamavam ainda mais por instituições. O que resta após a eliminação da ordem antiga não é o nosso bem. Ou então, manter o equilíbrio entre ser humano e instituição? Isto é um ponto de vista bastante abstrato. Na prática, um dos lados terá mais força e não se escapa da oscilação de um a outro extremo. Importa, como vimos, transformar a situação em um triângulo – com a entrada em cena de Cristo como Senhor. Sem relação viva com ele nosso mundo pequeno ou grande não acerta o prumo. (Pohl, 1998, p. 124)

Parece que Pohl acerta precisamente no ponto aqui, você não acha? Primeiro, por situar para nós duas tendências históricas importantes, a saber: (a) aquela em que as instituições ficam maiores que a vida, que elas deveriam servir; (b) aquela em que, voltando-se contra as instituições, rebeldes acabam gerando ainda mais instituições. Parece não haver ponto de equilíbrio fácil neste caso, segundo o autor, que acerta também, em segundo lugar, ao ressaltar que é uma relação viva com Cristo o fator decisivo a definir os rumos da igreja no nível institucional ou pessoal. Não o Cristo

projetado em nossos devaneios, mas, de novo, o Cristo que se fez humano em Jesus e que chamou seres humanos pecadores (não gente supostamente sã) para andar com ele e edificar essa igreja aspirante de ser uma comunidade de amor, revolucionária e transformadora no mundo.

Nesse sentido, Buechner com beleza expressa o caráter dessa igreja inaugurada no, e que é sinal do, reinado de Deus:

Essas não são pessoas mais ordinárias que a vida. São pessoas extraordinárias. A vida é extraordinária, e sua extraordinariedade é o que Jesus chama de Reino de Deus. Sua extraordinariedade reside no fato de que no Reino de Deus todos nós pertencemos uns aos outros como famílias pertencem. Todos somos irmãos e irmãs ali. Nela todos somos mães, pais e filhos uns dos outros porque é isso que somos chamados para ser como Igreja. Isso é o que Igreja significa. Somos chamados por Deus a amar uns aos outros da maneira como Jesus disse que Deus nos ama. (Buechner, 1992, p. 154 – minha tradução)

Assim sendo, uma congregação que se junta em caminhada como seguidora de Jesus, que, por sua vez, anuncia-nos a boa-nova de que Deus é um Pai amoroso, e que nós, por nossa vez, somos todos filhos/as desse Pai, perdoados por graça e misericórdia e irmanados uns aos outros pelo mesmo amor que nos alcançou, não poderia ter prioridade mais sublime que sua própria vida e organicidade. Ou que congregar mais gente desse mundo em nome de Jesus, anunciando a boa-nova de que não há mais condenação para quem está e anda em Cristo Jesus. E para estabelecer, com todas as letras e em todos os sentidos possíveis, que aquilo que a gente cria para facilitar nossas relações comunitárias não pode se tornar mais importante que a própria relação ou que as pessoas.

Logo, sem medo de ser felizes, ou mesmo de desagradar os fariseus sempre de plantão em qualquer sinagoga ou congregação, podemos declarar o senhorio (isto é, a prioridade) do humano sobre as instituições e as coisas. E, assim, denunciar a idolatria de lideranças, denominações e tradições que praticam sua fé na direção oposta àquela de Jesus.

É claro e inegável que o que *vem depois* é também importante, desde que não percamos o que *vem antes* – Cristo, o amor e o humano – de vista. Isso significa que há lugar para instituições e normas sem as quais nos faltaria organização, norte e operacionalidade. Como bem coloca François Varillon (2018, p. 111):

Nossa vida tem necessidade de ser, ao mesmo tempo, dinamizada e regulamentada. Se não houver regras, o puro dinamismo é capaz de nos conduzir às piores aberrações. Inversamente, onde não houver senão regras, leis e disciplinas sem vida, sem impulso, haverá um puro juridicismo que não corresponde a nenhuma de nossas necessidades profundas. O essencial é a vida, é a fonte. A fonte é o Cristo. Nós nos comunicamos com Deus através de Cristo e nos comunicamos com Cristo por meio da Igreja.

A difícil arte de se equilibrar entre o “puro dinamismo” e o “puro juridicismo” já foi apontada anteriormente no comentário de Pohl ao texto de Marcos. Entre a lei (do sábado) e a vida (humana), Jesus disse um sonoro “sim” à vida, em primeiro lugar. Com isso, porém, ele não revogou ou anulou a lei; antes, ajudou-nos a colocá-la em seu devido lugar, isto é, como serva da vida, e como serva de um único Senhor: o Cristo, que é Senhor também sobre o sábado, como disse Jesus.

2. Sobre o que continua sendo bom

Foi para resgatar a dimensão do bom no humano; para que retomássemos o tom do que significa ser gente; para restaurar a confiança nessa imagem e semelhança; para reconciliar o humano com todas as coisas e com o Eterno, é que Cristo se fez humano em Jesus de Nazaré. E ele não estava de brincadeira. Não foi uma encarnação *fake*. Jesus se fez suficientemente humano para saber como o ser humano é, o que sente, pensa e como opera. Dessa compreensão das implicações da encarnação do Verbo, sobre a qual falou no capítulo 1 de seu Evangelho, é que João adiciona essas palavras: “Ninguém precisava lhe dizer *como o ser humano é* de fato, pois *ele conhecia a natureza humana*” (Jo 2.25), como que dizendo: Jesus conhecia o coração humano; não por presciência divina exatamente, mas por partilhar da mesma natureza que os humanos.

Isto, porém, não significa um gesto condescendente para com quem o ser humano se torna muitas vezes, uma expressão desfigurada de si mesmo, uma antítese do divino-humano em Cristo. Eis o ledor engano de quem pensa que a celebração presente em meus escritos, desde meu primeiro livro – de que somos *humanos, graças a Deus* (Menezes, 2018) – representa um *sim* indiscriminado a tudo o que *o humano se presta*, tal como dá a entender o *amor fati* (ou amor ao destino) de Nietzsche. Pelo contrário, o *sim* à vida e ao humano implica, por conseguinte, em muitos *nãos* condizentes com o que esse *sim* efetivamente representa na vida de quem se deixa ser tocado pelo Eterno.

Para dar um exemplo, é possível, em nome da integração de todas as partes que me compõem humano enquanto tal, dizer *sim* ao amor sem deixar de acolher o ódio, que também me habita. Contudo, entro em autocontradição com meu *sim* ao amor se disser *também sim*, na mesma medida e com a mesma força, ao ódio. Ou seja, não é porque admito que o ódio esteja eventualmente misturado em minha maneira de ser e de amar, que irei manter o ódio ou a sua amante, a vingança, em circulação de forma programática.

Acontece de desacreditarmos do humano precisamente quando o ódio, a vingança ou o egoísmo se fazem mais fortes, quase onipresentes, em suas ações premeditadas ou não. Nos resignamos como se aquilo não apenas fosse razão para nos indignarmos (visto que a indignação em relação ao que nos desumaniza é, de fato, necessária), mas enquanto tratamos nosso lado mais feio como sendo estranho e alheio. Dizemos coisas como “o ser humano deu errado”, parecendo ignorar o dado óbvio de que não deixamos de ser dessa espécie enquanto pensamos e dizemos tais coisas. O fato é: não foi para se juntar à um derradeiro *Réquiem* (a missa dos fiéis defuntos) do ser humano que Cristo se fez gente em Jesus, mas para *relembrar como ser humano é*.

Não à toa, como já foi dito, Jesus se autodenominava “filho do homem”, embora fosse também o filho do Deus vivo. Daí C. S. Lewis provavelmente retirou a ideia de chamar os humanos que aportaram em Nárnia (a terra onírica de suas *Crônicas de Nárnia*) de “filhos de Adão” e “filhas de Eva”. Por que ele se denominaria como filho desta espécie se esta condição lhe fosse essencialmente penosa? Não se tratava tampouco de uma expressão orgulhosa, mas cheia de temor e reverência. Foi com temor e reverência a imagem e semelhança do divino no humano que Jesus se relacionou com suas irmãs e seus irmãos humanos enquanto na terra esteve. Seja quando em franca indignação; ou em momentos de ternura e festa; em momentos mais efusivos e alegres, ou em profunda agonia no Getsêmani, era com temor e reverência ao Pai que ele agia.

Não somos irmãos e irmãs de Jesus apenas porque somos filhos/as e filhas do mesmo Pai, mas porque partilhamos da mesma espécie. E foi na humilhação de sua divindade que ele glorificou a humanidade. A ponto de ressurgir dentre os mortos com um novo corpo; glorificado, é verdade, e ainda assim humano. As marcas dos cravos em suas mãos – mostrados a Tomé em sua incredulidade em relação a um Deus que não se fez humano – foram seu atestado de que a humanidade permaneceu no Cristo. E não haveria razão para não permanecer, já que em vida ele nos mostrou *como ser humano é e*, por consequência, como ser igreja deve ser.

Uma das mais marcantes passagens do evangelho de João, a meu ver, é quando do segundo encontro de Jesus com aquele homem, que havia sido cego de nascença e, então, curado em seu primeiro encontro com Jesus (vide João 9). Aquele homem conhecia obviamente facetas distintas do humano, incluindo a sua faceta religiosa mais perversa, que reconhecemos em seus encontros com os fariseus, ou antes com o grupo de discípulos do mestre de Nazaré – que a Jesus fizera a gloriosa pergunta: “Quem pecou para que nascesse cego: ele ou os pais?” (Jo 9.2). Ao reencontrar aquele homem – que passara por dois indigestos interrogatórios perante os fariseus –, Jesus faz uma pergunta aparentemente estranha: “Você acredita no filho do homem?” (Jo 9.35). Normalmente interpretamos essa pergunta como se Jesus quisesse provar a fé daquele homem nele (em Jesus). Mas já que, como vimos, a expressão “filho do homem” pode ser simplesmente traduzida como “o humano”, então a pergunta ganha tons mais amplos. Jesus, assim, estaria querendo saber se aquele homem *crê no humano*. E embora tivesse – como grande parte de nós, hoje, seguramente tem – motivos para responder a tal pergunta com um efusivo “não!”, aquele homem se expressa não com ressentimento, mas curiosidade (e onde há curiosidade, há também abertura): “Quem é o humano para que nele eu acredite?” (v. 38).

A uma tão iluminada pergunta, uma também magnífica e iluminadora resposta veio de Jesus: “Você já viu esse humano em ação! É este que acaba de falar com você” (v. 37). A reação seguinte daquele homem foi “eu creio, Senhor” (v. 38). Crê propriamente a partir do que seus olhos viram; logo, antes de crer no Deus revelado em Jesus (um tipo de fé que aqui não parece estar direta ou forçosamente implicada), ele creu no humano que Jesus demonstrou ser possível. Isto é, alguém de quem emana vida, amor, cura, reparação, dignidade, reconciliação e libertação.

É isso que quero dizer com a ideia de que Jesus *não andou entre nós* (e *como um de nós*) para simplesmente se juntar ao coro dos pranteadores do fracasso do

projeto humano, mas para lembrar, com gestos e palavras, *como ser humano é*. Não como quem passa pano para o humano, mas como quem ilumina as contradições, os desejos desordenados e o mistério da iniquidade inerentes à humanidade ao mesmo tempo em que vivifica e encarna outro humano (e, por conseguinte, outro mundo) possível.

3. Sobre ao que é apenas transitório

Recentemente li o texto ‘Transitoriedade’, de 1916, de Sigmund Freud. Ele o escreveu depois da primeira guerra mundial, motivado pela conversa com um poeta pessimista, que observava (um ano antes da eclosão daquela guerra) belezas da paisagem, sem, porém, conseguir desfrutar do que via. Ele se ressentia do fato de que tudo era tão transitório, efêmero, fugaz e defectivo.

Em resposta ao tristonho poeta, Freud reconhece, sim, que: (1) os fenômenos feios e bonitos da vida são transitórios; mas que (2) isso não deveria nos impedir de apreciar seu valor, nem nos levar a concluir que tudo está perdido; (3) finalmente, que a transitoriedade carrega em seu bojo boas novas também, como a de que até mesmo a guerra vai passar – e, junto com ela, outras facetas humanas do horror.

Ao final e ao cabo ele diz, um tanto esperançosamente para um (futuro) pessimista: “Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de modo mais duradouro do que antes” (Freud, 2010, p. 252). A história do século XX provou que essa reconstrução é sempre possível, ainda que não consigamos apagar completamente os rastros da morte e os traumas da desumanidade.

Freud era um crente fiel na civilização, apesar de criticar seus vícios e a despeito de futuramente reconhecer seus instintos de morte e seus mal-estares. Confesso não ser tão otimista assim. Mas, como ele, acho que vamos sobreviver aos tantos “ismos” degradantes do humano que hoje povoam as múltiplas camadas do tecido frágil de nossas civilizações, e que configuram a atual polarização com a qual contribuímos, sobretudo quando nos deixamos intimidar por ela. Enfim, esses fenômenos não de se enquadrar na vala comum da transitoriedade também e, mais cedo ou mais tarde, conhecerão a morte ou o ostracismo.

O que não podemos deixar passar e nem desaparecer é nossa esperança no mundo (apesar de não apenas nele), nem nossa apreciação da beleza que ainda reside no humano (apesar de igualmente transitória). Afinal, como também constatou Freud, é injusto com a nossa condição que sacrifiquemos sua beleza por causa de sua fragilidade ou fugacidade. É a tal da vida que é maior que muitas de suas limitadas expressões.

Considerações finais

A bíblia é composta por pessoas de carne e osso como você e eu, cujos registros perpassam suas páginas de Gênesis ao Apocalipse, seja no viver ou no contar, narrativo ou poético, das histórias e experiências que ali encontramos. Cuja suma é não apenas que ser humano é bom, apesar dos pesares e dos dissabores da vida humana, mas que permanece sendo, para todos os efeitos, uma tarefa inacabada e interminável enquanto o mundo for mundo e a gente dele fizer parte.

De fato, ninguém precisava dizer para Jesus como o ser humano era. Entretanto, nenhum humano foi capaz de impedir que Jesus demonstrasse, de forma terna e disruptiva, generosa e subversiva, clara e misteriosa, como ser humano pode e há de ser amor, mesmo “em tempos de cólera”. Para no fim deixar razões de sobra para que continuemos a acreditar no humano, apesar e por causa do próprio humano e para a Glória de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Eis uma das tarefas urgentes e inacabadas da igreja que quer se chamar “contemporânea”.

Referências

- BUECHNER, Frederic. *The Clown in the Belfry*. Writings on Faith and Fiction. New York: Harper Collins, 1992.
- FREUD, Sigmund. Transitoriedade. In: *Obras completas*, vol. 16: Uma introdução ao narcisismo; ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 247-252.
- MENEZES, J.; SCHIETTI, M. & NAKAMURA, F. *Uma coincidência inconformada: pessoa, sociedade e igreja na contemporaneidade*. São Paulo: Recriar, 2023.
- MENEZES, Jonathan. *Humanos, graças a Deus! Em busca de uma espiritualidade encarnada*. 2ª ed. São Paulo: Recriar, 2018.
- POHL, Adolf. *Evangelho de Marcos*. Comentário Esperança. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 1998.
- ROHR, Richard. *O Cristo universal*. Como uma realidade esquecida pode mudar tudo o que vemos, esperamos e acreditamos. São Paulo: nVersos, 2019.
- VARILLON, François. *Alegria de crer, alegria de viver*. Conferências sobre os principais pontos da fé cristã. São Paulo: Loyola, 2018.